

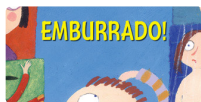
STARGAZING

Texto e ilustrações
Olívia Martins



Editora

EMBURRADO!



INDI
Brasília 2021



Stargazing

Olivia Martins

INDI

Brasília 2021

Sumário

Capítulo 1 - Noite estrelada.....	3
Capítulo 2 - Parque de cachorros.....	10
Capítulo 3 - Sozinha.....	13
Capítulo 4 - Primeiro dia.....	19
Capítulo 5 - Aulas.....	23
Capítulo 6 - Jardim.....	29
Capítulo 7 - Atraso.....	31
Capítulo 8 - Problemas.....	34
Capítulo 9 - Caminho de volta.....	36
Capítulo 10 - Limpando o chão.....	39
Capítulo 11 - Telhado.....	43
Capítulo 12 - Verdade.....	48
Capítulo 13 - Plano.....	51
Capítulo 14 - Manhã estranha.....	54
Capítulo 15 - Amigos.....	57
Capítulo 16 - Disposição.....	60
Capítulo 17 - Preparação.....	65
Capítulo 18 - Ligação.....	68
Capítulo 19 - Nick.....	71
Capítulo 20 - Matthew.....	74
Capítulo 21 - Reportando.....	77
Capítulo 22 - Escapando.....	81
Capítulo 23 - Recomeçando.....	86
Capítulo 24 - Uma nova vida.....	89

- Capítulo 1 -

Noite estrelada

Era hoje. Hoje realizei um dos meus maiores sonhos, sair do meu país. Essa era uma oportunidade que eu fiquei esperando por anos, por que eu ainda não tinha idade mínima pra ir sozinha (fazer intercâmbio claro). Eu tenho tudo que preciso pra ir: boas notas, já fiz o teste para ver meu nível de idioma e já estudei sobre a cultura de lá por meio de ligações de família que moram lá.

Lá onde? Ah, sim, claro. Bem clichê, mas o lugar onde eu quero ir é os Estados Unidos. Não me julguem, ok? Todo mundo tem curiosidade de ver como é o High School e ver se os clichês são verdade.

Mas esses não são os únicos motivos do por que eu queria ir. Imagina: dirigir aos 16, trabalhar em alguma loja aleatória e ganhar mais do que você provavelmente ia ganhar no Brasil, e ainda por cima poder ajudar seus pais mandando um pouco de dinheiro de vez em quando. Todos saem ganhando.

Mas não é pra sempre, eu só vou ficar por 1 ano. O bastante para ver todas as estações e as festas, Halloween, mas também ver a neve (outro sonho meu). E o maior do maior dos motivos: vou fazer o 2º ano do ensino médio. Participar das festas vai ser bem divertido também, eu espero. Nunca fui do tipo de festejar, mas chega de enrolação.

— Tchau, pai, tchau, mãe! Vou ligar pra vocês depois que eu chegar!

Eu corri para o avião antes de ficar com mais saudade e não querer ir embora mais. Agora, só teriam mais 8h de voo pela minha frente. Nice. Mais ou menos, pelo meio da viagem, eu fui acordada pela senhora do meu lado falando que o almoço seria servido. Que gentil.

— Moça, eles vão servir almoço agora, acorda.

— Ah... Obrigada.

Eu disse meio sem saber o que estava acontecendo, é difícil quando você acabou de acordar de uma soneca pesada. Depois do almoço, eu fiz amizade com aquela senhora do meu lado, e ela me contava sobre todos os netos dela e etc... Papo de velho, no qual eu não estava prestando muita atenção. Ela também disse que era do Tocantins e que ia visitar os filhos nos Estados Unidos. Bom, pra continuar a conversa eu disse sobre o meu motivo também.

Ela começou a me explicar como várias coisas funcionam lá. Por exemplo, o ano escolar que eles têm as maiores férias no meio do ano e essas coisas. Tenho que admitir, fiquei meio impressionada de como ela sabia tanto, pelo jeito deve ouvir os filhos falarem muito sobre o país ou talvez já morou lá..? Não tenho certeza.

No final do voo nós tínhamos ficado muito amigas, ela era realmente legal.

Nos despedimos e ela foi para o carro da sua família. Fiquei esperando meus pais americanos por um tempo, talvez

eles estejam terminando de preparar tudo pra eu chegar. Os meus pais na América eram bem animados pelo o que o programa de intercâmbio disse, já hospedaram em torno de 3 estudantes mas só por pouco tempo, então eu seria a primeira de longo tempo. O programa disse que eles eram muito bons pais, mas muitas pessoas não queriam ficar com eles pelo fato de serem... bem... um casal homossexual. Eu não via nenhum problema nisso, e ainda por cima, eles pareciam bem legais.

De longe, eu ouvi uma buzina que chamou minha atenção. Um carro branco e grande, parecia uma caminhonete. Logo que vi o que estava escrito, fiquei com vergonha.

— Bem vinda ao USA Chomi!!!

Chomi era um apelido que todos me chamavam por causa do meu nome: Mina, mas eu era um pouco comilona. Se ainda não entendeu: Mina + Comilona = Chominola = Chomi.

E realmente, você não viu errado, estava escrito em português mesmo no carro. Eles tiraram uma parte de seu tempo para traduzir tudo. Não que seja difícil, mas mesmo assim foi um tempo.

A partir de agora, para o entendimento de vocês, vou traduzir tudo para português.

Entrando no carro eles começaram a falar comigo.

— E aí? Como foi o seu voo? — Falou o mais alto e forte.

Ele tinha cabelos castanhos e olhos verdes. O nome dele era Darryl. Quase interrompido pelo outro, um pouco mais baixo do que eu com cabelos escuros e olhos também. Seu nome era Zak.

— Eu te disse! A surpresa ia funcionar certinho. Ela conseguiu reconhecer nosso carro!

— Meu Deus, dá um tempo pra menina falar, Zak!

— Ok, ok. Como foi seu voo? — Ele disse se virando para mim, quase se esbarrando em Darryl.

— Meu Deus...

— Foi tranquilo, eu conheci uma senhora bem legal do Brasil — Eu falei. Pela primeira vez falando com americanos que não fazem ideia de como a língua portuguesa funciona, eu acho que fui bem. Só ignorar o fato que eu demorei uns 2 segundos pra pensar em todas as palavras certinho.

— Zak, volta pro seu lugar, vai ser difícil dirigir com seu pé na minha cara.

— Você não tem graça..

Nós rimos um pouco, e o resto da volta para casa foi tranquila, todos num silêncio confortável. Os meus pais às vezes conversavam um pouco, mas logo eu deixei meus olhos fecharem, me colocando num sono bom. Eu com certeza estava cansada depois de ficar horas acordada conversando com aquela senhora.

Duas horas depois, já estava deitada na minha cama, mas sem conseguir dormir. Não sabia se era por causa de todas as sonecas que eu tirei ou se era por causa de eu ter acabado de chegar. Ainda não estava acostumada, meus pais sempre falaram que a primeira noite é a pior.

Pensei em tentar achar alguma coisa pra fazer que pudesse me trazer sono, mas é difícil quando você não tem dever de



casa ainda e sabe que se resolver ver vídeos vc n vai dormir mais pelo resto da noite. Ainda deitada, fiquei procurando no meu quarto alguma ideia do que fazer, quando olho pela janela acima de mim. Não tinha percebido, mas as estrelas eram muito fáceis de ver. Meu condomínio ficava um pouco longe da cidade e praias, praticamente no meio do nada, mas cercado por pequenos bosques e campos.

Nessa hora um pensamento veio à minha cabeça. Tive medo, claro, mas saí pela minha janela, levei uma lanterna é claro, pra ver onde estava pisando e subi no telhado. Felizmente, ele tinha uma parte reta em cima, já que na Flórida não neva. Eu sei, uma coisa muito americana de se fazer, mas era a minha ideia na hora.

Era bem calmo e confortável, o frio não me incomodava tanto. Depois de uns minutos só olhando as estrelas, comecei a ficar com sono. Bem na hora que ia fechar meus olhos, eu ouvi um barulho que não vinha de muito longe. Se não tivesse todo aquele silêncio, eu não ouviria. Sentando devagar, olhei pro lado do barulho e tentando enxergar uma silhueta que vinha da casa vizinha, vi um menino, fazendo o mesmo que eu.

— *Que? Quais são as chances..?* — Nessa hora tinha pegado minha lanterna e apontado na direção dele, para ter certeza que não estava delirando.

Rapidamente, consegui ver alguns de seus traços, cabelos marrons quase ruivos, ondulados, e curtos. Vestindo uma camisa branca com calças pretas, olhando pro céu como se estivesse procurando algo. Nesses pequenos segundos que

consegui analisá-lo, parece que ele percebeu a luz que tinha jogado nele.

'Mer-' Fui tudo que pensei antes de jogar minha lanterna para fora do telhado atrás da casa por impulso, virando uma bolinha na escuridão com esperanças que ele não tinha me visto.

Não funcionou. No chão ao meu lado vi uma luz que parecia de uma lanterna vinda de trás de mim. Devagarinho, saí da minha posição patética de bolinha de cima do telhado e me virei para ele. Se não tinha como ficar mais constrangedor, eu dei um dos meus piores sorrisos forçados, e saí correndo pra dentro da minha janela totalmente ignorando o menino e a lanterna no chão do meu jardim.

Deitada na cama mais uma vez, fiquei olhando pro teto pensando em todos os acontecimentos recentes.

— *O que acabou de acontecer?*

- Capítulo 2 -

Parque de cachorros

Na manhã seguinte acordei cedo, tinha colocado um despertador para 7:00 e tomei café. Hoje comi sozinha pois era um sábado e meus pais ainda estavam dormindo, não queria atrapalhar seu sono. Me arrumei, saí por volta das 8:00 am e fui comprar materiais escolares, pois minha escola começaria na semana seguinte. Pelo google maps a papelaria não era muito longe então ir a pé não foi um problema. No caminho eu encontrei um parque de cachorros, e resolvi dar uma olhada. O material não era mais importante do que cachorros, é claro.

Dei um mini passeio pelo parque, até que eu paro com uma bolinha rolando para o meu pé. Agachei para pegar ela, e quando olhei pra cima, dei de cara com um cachorro grande. Eu não tinha e não tenho medo de cachorros, mas aquilo sinceramente me deu um ataque do coração. Dei um gritinho fino bem vergonhoso e caí pra trás.

Logo que eu me acalmei percebi que o cachorro ainda estava lá, olhando para a bolinha. Percebendo que ele queria brincar, peguei a bolinha mais uma vez. Quando me levantei para jogar dei de cara com um menino. — Putaqueopariu! — gritei de novo, já cansada dessa brincadeira.

— Desculpe, parece que eu te assustei. Quer ajuda?

Ele disse me estendendo a mão. Aceitei a mão e me levantando falei:

— Não tem problema, aquele cachorro também me deu o mesmo susto...

Quando me levantei e arrumei meus óculos vi que era o tal vizinho. Minha cara ficou branca. Juntando todas as minhas memórias perdidas sobre como falar inglês eu consegui formar a frase

— Uhhhhhh... Bom te ver, tchau!

Praticamente cuspi a frase e sai correndo. Sorte minha que ele não percebeu que eu era a estranha que quase cegou o menino com uma lanterna. Quando eu estava longe o bastante do parque, segui meu caminho para a papelaria. Boas 2h depois, consegui juntar todos os meus materiais necessários.

Paguei com uns trocados que eu tinha, mas era tudo. *“Vou ter que arranjar um trabalho logo”* estava distraída nos meus pensamentos quando percebi que não sabia o caminho de volta.

Minha ideia foi de voltar para o parque, e ver se consigo me lembrar o caminho de lá. Ok, um plano bom o bastante. O único problema, é que chegando no parque eu ainda não fazia idéia do caminho de volta para casa. Nessa hora olhei pro lado e vi o vizinho saindo com o seu cachorro. Minha mente brilhante pensou, como qualquer pessoa racional e civilizada: *“Seria uma boa ideia seguir o vizinho de longe sem ele perceber até em casa.”* Assim seguimos nosso caminho. Eu bem de longe, seguindo ele igual uma stalker até em casa.

Quando cheguei, lembrei que estava sem chave e bati na porta. Alguns minutos se passaram e nada. *“Ainda devem estar dormindo.”* Novamente, minha mente brilhante resolveu subir pela minha janela, que tinha deixado destrancada. Quase caí algumas vezes tentando subir? Sim. Mas estava viva, isso que importa.

- Capítulo 3 -

Sozinha

Estava sozinha em casa. Eu sei, parece bem irresponsável de meus pais me deixarem sozinha em casa sendo que eu não sei nada sobre ela. Não sei onde fica a comida, como ligar o fogão e essas coisas. Mas, o motivo é que de manhã, eu acordei bem irritada e estressada, pelo fato de amanhã ser o meu primeiro dia de aula americana. Eu queria um tempo para mim mesma, e eles resolveram usar a minha desculpa para ir ao supermercado.

Não sabia o que fazer, então fui procurar por comida. A comida sempre me faz ter alguma ideia, tirar o meu tédio. Sinceramente não sei como sou magra, mas isso é uma teoria pra outro dia. procurei pela cozinha inteira e incrivelmente, numa casa estadunidense, não tem NENHUM chocolate. Como assim?? Meu dia acabou de ficar melhor. Eu ainda não tenho nenhum dólar, então esquece essa ideia.

Resolvi subir no telhado para respirar um ar fresco. Lá de cima eu vi algo refletindo luz na grama. Com todo o tédio e curiosidade dentro de mim, eu fui ver o que era. Descendo da casa com cuidado, cheguei perto.

Quando peguei na mão percebi que era um caco de vidro. Eu ia só deixar pra lá, até que eu vi mais indo na direção de um pequeno bosque, quase uma trilha. Na minha cabeça passava

várias possibilidades como se tivesse um anjo e um demônio de cada lado da minha cabeça.

“E se for um animal precisando de ajuda? E se for alguma coisa aí de filme de terror e você se ferrar no final?? Mas o vidro pode fazer mal pros animais da floresta, é melhor recolher. Mas e se...?” Já tinha ido. Já taquei o foda-se e segui a trilha. Depois de uns minutos andando o bosque ficava cada vez mais denso, e sempre precisava desviar de raízes e galhos.

Ficava olhando pro chão para não me perder da trilha, ainda mais para não pisar no vidro, até começar a ouvir um barulho de água. Olhei para cima e vi uma das mais bonitas visões da minha vida.

O lugar era cercado por floresta, e a floresta era cercada por paredes de pedra. Era bem pequeno o lugar. Uma grande depressão se formava no canto, onde caía uma cascata, formando uma espécie de poço bem fundo e largo. Quando fui olhar para minha direita, acabei pisando em um monte de folhas. Normal, certo? Não. Num piscar de olhos fui puxada pro ar de cabeça para baixo, com uma corda presa no meu pé. Imagine um desenho animado. Foi exatamente assim.

Demorei um pouco para perceber o que tinha acontecido, e não conseguia ver bem. Meus óculos caíram no chão. Sim, meu nível de cegueira é forte. *“Pronto, agora eu vou ficar aqui até morrer.”* Uma ideia bateu em minha cabeça, e comecei a balançar. De direita pra esquerda, pegando impulso. Quando já tinha força o bastante, contraí minha barriga inteira e virei uma

bolinha. Consegui segurar a corda. Pelo menos não estava de cabeça para baixo mais, e meu tempo de vida ia aumentar.

Enquanto analisava as árvores por perto para ver alguma saída, algo bateu em minhas costas. Olhei para baixo e vi uma criancinha bem pequena. Ela estava jogando pedras em mim, maravilha. Não tenho nenhuma paciência com crianças.

— Hey, menininho, pode chamar alguém para me tirar daqui?

— HmMMM

— HmMMM o quê?

— O que você vai me dar em troca?

— Ai meu deus... O que você quer em troca?

— HmMMMMMMM

Já estava cansada desse hmMMM. Meu dia estava cada vez ficando melhor.

— Já se decidiu? — Sinceramente, meu corpo inteiro já estava doendo de ficar naquela posição. Eu só queria sair dali e fazer alguma coisa pra comer.

— Eu quero que você entre pro nosso clube!

— Quê?

— Eu quero que você entre pro nosso clube!! —

Desta vez ele parecia estar um pouco irritado. Nesse ponto eu já não pensava mais. Tinha ficado exausta.

— Ok, ok eu entro pro seu clube. Me tira agora?

— Só... Espera um pouquinho!

E com isso ele saiu correndo pra longe de mim igual a um raio. Minutos se passaram e eu já estava achando que ele tinha mentido pra mim.

Enquanto tentava tirar meu pé da corda por meia hora, xingando sabe-lá-o-quê eu senti algo me bater de novo. Olhando para baixo era o mesmo menininho, mas dessa vez com uma máscara.

— Conseguiu achar alguém?

— Uhum! Ele tá te soltando agora.

Logo que essa frase foi terminada eu senti a corda afrouxar, mas isso não era um bom sinal. Eu ia cair direto de costas no chão de uns bons 2 metros de altura.

— MULEQUESAIDEBAIXO

Gritei em português mesmo, falando super rápido com o desespero.

Num piscar de olhos eu estava no chão, sem respirar por causa de todo o ar que saiu no impacto das minhas costas com o chão. Um milagre que não tinha ficado paralizada ou morta. Quando consegui respirar de novo e abrir meus olhos, me deparei com o menininho e outra figura claramente mais alta, que estava apontando um galho com uma pedra na ponta para minha cabeça, uma lança. Só conseguia pegar algumas partes da conversa enquanto resolvi ficar só parada lá. Não tinha muita escolha de qualquer maneira.

— Acho que a gente matou ela

— Não matou. Relaxa.

— Ela quis entrar no nosso grupo!



— Eu acho que você só obrigou ela mesmo.

— Você entendeu o que ela disse antes de cair?

— Não. Ela não deve ser daqui. Nem parece, na verdade.

— Essa é aquela menina que você vive falando?

A sinceridade dessa criança me fazia rir. Ouvindo essa última frase não pude segurar uma pequena risada.

— Ah, cala a boca! Ela pode nos ouvir!

Me levantei devagar. Sentando com cuidado.

— Vocês me pegaram, eu posso ouvir vocês sim.

Os meninos levantaram rápido e logo o mais alto apontou aquela lança para mim de novo. Os dois ainda mascarados, acho que não queriam expor as suas identidades.

— Quem é você, o que te traz aqui? De onde você veio?

— O maior falou com a voz forte, bem segura.

— Meu deus, eu não vim aqui para ser interrogada não.

— Isso não responde minhas perguntas.

— Bom, eu não sei. Só quero ir pra casa, meus pais devem estar preocupados.

— Peraí, você ainda...

Com a deusa saí correndo de lá, com toda a velocidade que eu tinha. Para minha sorte, meus pais ainda não tinham chegado em casa.

- Capítulo 4 -

Primeiro dia

O sol brilhava na minha cara, me acordando e tirando meu sono devagar. Peguei meu celular da cabeceira e vi as horas. “6:45” Resmunguei um pouco e olhei meu celular de novo. Lá aparecia uma notificação de um lembrete que tinha feito para mim mesma: “Vai pra escola preguiçosa e se arruma direito!”.

Agora sim estava totalmente acordada. Levantei num pulo da cama, dando dois passos e parando, minha pressão tinha ido pros meus pés. Isso sempre acontece quando eu me levanto muito rápido. Corri para o meu armário e escolhi uma roupa, não muito estilosa mas o bastante para sair pro shopping. Não me julga, eu quero causar uma boa impressão, ok? A roupa era uma camisa com colarinho branco, e em cima um casaco moletom com shorts até o joelho. Fiz um penteado simples e coloquei meus materiais na minha mochila.

Peguei meu celular e tirei uma foto de zueira, como aquelas meninas que querem chamar atenção e mandei pra minha melhor amiga, lá no Brasil. Desci as escadas, e lá estava a mesa do café pronta. Fiquei surpresa, achei que os meus pais ainda não tinham acordado. Entrei na cozinha procurando eles, e lá vejo Darryl fazendo café. Deixei minha mochila na cadeira, fazendo um pouco de barulho.

— Ah, você já acordou. Bom dia! Já estava indo te acordar.

— Bom dia! Cadê o Zak?

— Ainda não acordou. Ele estava bem cansado ontem.

— Ok. O cheiro tá muito bom, qual é a comida?

— Dessa vez eu quis ser um pouco mais ‘original’. Bacon com ovos!

— Aham. Beeeeem original.

— Eu sei, eu sei. Mas você veio aqui para ver a nossa cultura também né? Então fiz a comida mais clichê que tem.

Nós rimos bastante depois disso. Senti que estávamos ficando mais próximos. Darryl é um cara bem gentil, bom cozinheiro e às vezes estressado. Mas como acabei de chegar e ficava dentro do meu quarto o dia inteiro, nunca tive uma boa chance de falar com ele. Eu queria esperar Zak pra comer, mas pelo que ouvi ele dorme até bem tarde quando cansado. Também, eu tinha escola.

Tomamos café, conversamos sobre várias coisas. No final, Zak obviamente não tinha acordado, então fomos só eu e Darryl de carro. Isso não foi ruim, nós ficamos conversando sobre comida, nossos hobbies e etc. Chegando na escola eu estava obviamente nervosa, tanto que ficava estalando meus dedos sem parar. Darryl percebeu, e começou a me dar conselhos tentando me confortar.

— Olha, não precisa ficar tão estressada assim. A única coisa que você precisa se preocupar é em fazer amigos, ok?

— Mas e se não quiserem falar comigo porque eu não sou americana? — A cara dele tinha virado uma expressão meio triste e preocupada.

— Se não quiserem ser seus amigos por quem você é, então não são seus verdadeiros amigos. Não se preocupe com essas coisas agora, a aula já vai começar e Zak vai ficar chateado comigo se eu não estiver em casa quando ele acordar.

— Brigada.. Quando que você vem me buscar mesmo?

— É só me mandar mensagem que eu venho, vai que você faz um amigo e sai pra sei lá... Tomar sorvete?

— Verdade. Espero que isso aconteça. Tchau! — Disse pulando fora do carro. Ele respondeu um rápido tchau e foi embora.

Logo que encarei a escola minha cara ficou branca. Era MUITO maior do que parecia nas fotos. Tinha 2 andares, e se os dois tiverem salas de aula, eu acho que vou demorar o dia inteiro pra encontrar a primeira. *“Pronto, tudo que eu precisava. Vou chegar atrasada, passar vergonha, e ainda mais ter que achar alguém que trabalhe na escola pra me mostrar o caminho.”*

Passando pela porta principal, eu vi um mar de pessoas. Tanto do primeiro até o último ano, se esbarrando e se apertando para pegar suas coisas nos armários e ir para suas salas. *“Isso vai ser difícil...”*

Não foi complicado achar um moço da limpeza para saber onde minha sala ficava, difícil mesmo foi entender as direções que ele me passou.

— Com licença, onde que fica a sala de computação?

— Ah, bom dia! Segundo andar, quarta sala pra direita. — O homem falou rápido.

Fácil o bastante né? Não. Para alguém que já está estressada, que não fala inglês totalmente bem e ainda por cima tem problema de entender esquerdas e direitas, eu podia dizer que estava bem ferrada. Respondi um ok bem frouxo e preocupado, se não tivesse tanto barulho tenho certeza que ele perceberia.

- Capítulo 5 -

Aulas

Subi as escadas devagar, tentando não ser derrubada nem cair de cara no chão por causa dos outros alunos. Mas só tinha um pensamento na minha cabeça. “*Quatro portas pra direita. Quatro portas pra direita. Quatro portas pra direita. Quatro portas pra direita? Não era esquerda?*” Tava me concentrando ao máximo em lembrar das ordens, e com medo de traduzir pra português, mesmo que fosse me ajudar, o risco de embolar alguma palavra e sair errado é grande.

Tinha chegado no segundo andar. Mar de crianças indo para cada sala, onde não conseguia ver quase nada. Comecei a ser empurrada, tentando não me deixar levar na correnteza. Fui contando as portas para o lado que acreditei ser a direita e tentei correr pra lá. Quando cheguei, abri a porta e um monte de olhos viraram pra mim, encarando minha alma. Fiquei constrangida demais naquele momento, parecia um tomate.

— Aqui é a sala de computação..? — Perguntei bem baixinho, só pra professora ouvir.

— Não é não, precisa de ajuda pra ir? Nunca vi você por aqui.

— Ah, ok. Desculpa o incômodo.

— Não, sem problema, relaxa. — Ela vira sua cabeça para um dos alunos e aponta.

— Nick, pode mostrar pra ela onde é a sala?

Meu coração para. Estava igualzinho a um filme bem clichê. Eu achei que ia conhecer o menino dos meus sonhos agora. Logo percebi uma cabeça levantando no meio da sala, e vindo pra minha direção. “*Perai... Ele é familiar...*”

Fiquei estudando suas características. Cabelo caramelo quase ruivo, olhos verde-azulados, poucas sardas. “*Meu Deeeus, o menino do telhado.*” Se era possível, minha cara ficou mais vermelha ainda. Justo a pessoa que eu estava ignorando e fugindo. Quando ele olhou pra mim, parecia que estava mais surpreso do que eu.

Dei passagem pra ele sair primeiro, enquanto dava um rápido tchau e me desculpava de novo para a professora. Pelo jeito, aquele mar de crianças tinha me levado pro final do corredor invés do começo, onde minha sala ficava. Nossa pequena caminhada foi extremamente constrangedora, até que ele resolveu quebrar o gelo.

— Então... como você vai, fujona?

— *Que? FUJONA? Eu não sou fujona...*”

— Vou bem, como vai... um...

Não consegui pensar numa resposta boa. Ele soltou uma risada frouxa, como se soubesse que eu não conseguiria responder. Estávamos chegando perto da minha sala, e só falamos um rápido tchau antes de eu entrar. Lá, o professor me apresentou para a turma.

— Alunos, essa é a nova estudante de intercâmbio, vai ficar aqui por 1 ano. Pode falar um pouco sobre si mesma?

— Olhei pra ele e acenei. Demorei um pouco para começar a formar minhas palavras, e comecei a falar.

— Bom dia, meu nome é Mina, mas podem me chamar de Chomi. Tenho 16 anos e vim do Brasil, e às vezes eu posso embolar um pouco meu inglês.

— Ok, essa é a Mina pessoal. Nunca tivemos um estudante brasileiro nessa sala, você é nossa primeira! Alguém quer fazer alguma pergunta?

Assim a aula continuou, as pessoas faziam perguntas de vez em quando, mas era sobre o Brasil. Fiz alguns amigos, mas eram mais colegas do que amigos. A aula foi meio estranha, já que no Brasil não tem aula de computação como algo que faz parte das disciplinas. O professor era legal em geral, às vezes meio estressado. Bem típico.

As aulas foram passando, a de Inglês (que seria a aula de língua principal pra eles, tipo Português pra gente) eu achei surpreendentemente fácil. Pode ser porque você tem que estudar bastante inglês para intercâmbio, fazer prova e tals. Também, nas aulas que eu tinha no Brasil eu estudava bastante.

Logo chegou o almoço, lá as aulas começam às 8:00 e terminam por umas 15:00. Eu não fazia ideia de como pegar meu almoço, então só entrei na fila mesmo. Logo sinto uns tapinhas no meu ombro, quando viro é o menino do telhado atrás de mim.

— Você precisa pegar a bandeja pra se servir.

— Ah, obrigada.



— Vou guardar seu lugar aqui, vai rápido. — Saí correndo da fila e peguei uma bandeja.

— Obrigada por guardar meu lugar. Qual é o seu nome?
— Perguntei sorrindo, tentando ao máximo não deixar minhas pernas ficarem moles. Esse menino me fazia mais ansiosa do que o normal, eu não sabia o por quê.

— Nicholas, mas me chama de Nick. Prazer.

— Prazer, eu sou Mina, mas pode me chamar de Chomi.
— Ele me encarou com uma cara confusa por alguns segundos, até que virou uma cara estranha. Ele estava segurando sua risada.

— Chomi!? Que apelido é esse? — Ele disse em meio às risadas. Fiquei super envergonhada.

— Você não ia entender com um cérebro tão pequeno. — Disse provocando ele, meio por raiva meio por zoeira.

— Aaaah, estamos nesse jogo agora? Ok, lançadora de lanternas

— Pff você ainda se lembra disso?

— Como não? Não é todo dia que você vê alguém lançar uma lanterna mais longe do que a lua!

Nós rimos um pouco, e ele me levou à mesa que ele e seus amigos estavam sentados. Me apresentei pra todo mundo, e comecei a comer.

— Leite, cenoura, batata e hambúrguer? Como vocês comem isso todo dia? — Comentei, a mesa inteira ouviu, prestando atenção em mim. Nick se virou pra mim com uma cara confusa.

— Não é todo dia, às vezes troca. Mas como assim, você? Você não é americana?

— Não.. Nunca falei? Jurei que já tinha contado. — Logo, alguém da mesa pulou e apontou pra mim.

— Você é aquela brasileira bonita que tá todo mundo falando né?

— Uhhhm... sim?— Minha cara tinha virado um pimentão mais uma vez. O fato das pessoas saberem de mim tão rápido me envergonhava muito. Só de pensar que eu sou o centro das atenções dessa escola agora fazia minha cabeça girar. Nunca fui boa com multidões e popularidade. Mas uma palavra se fixou na minha cabeça. “*Bonita*” Os alunos me achavam bonita? Nick claramente viu meu estado, e me salvou de lá.

— Gente, eu vou mostrar o resto da escola pra ela, porque ela se perdeu mais cedo —

E foi me puxando pelo braço.

- Capítulo 6 -

Jardim

Eu ainda estava estressada enquanto ele me levava para um corredor escondido. O final desse corredor tinha um buraco tapado por um papelão. Quando passamos pro outro lado, dei de cara com um grande jardim abandonado que tinha várias flores diferentes. Nós sentamos num banquinho atrás de uns arbustos, ele ainda segurando meu braço, de um jeito que não machucava, mas se eu quisesse me soltar não conseguiria.

— Você tá bem? — Ele perguntou olhando fundo nos meus olhos, parecendo preocupado e triste ao mesmo tempo.

— Sim, um pouco melhor. — Eu respondi olhando pro outro lado. Quase que não consegui desviar o olhar, seus olhos me acalmavam de um jeito meio inexplicável.

— Porque você ainda tá segurando meu braço? — Ele parou. Parecia que nem ele tinha percebido o que estava fazendo, mas mesmo assim não soltou.

— Não quero que você fuja de novo. — Ele respondeu com a voz forte e séria, mas ao mesmo tempo meio triste, olhando pro outro lado. Isso foi meio fofo, tenho que admitir.

— Ok...

Ficamos em silêncio por um tempo, e a cena de todas aquelas pessoas apontando e olhando pra mim ficava repetindo na minha mente, fazendo meu coração acelerar. Minha respi-

ração tinha ficado mais curta e rápida, e o mundo girando um pouco.

Logo, senti a mão dele soltar do meu braço e bem delicadamente se direcionar ao meu outro ombro, mal encostando. Um sentimento quente bateu dentro do meu coração, ao mesmo tempo minha pele pinicava onde ele tinha encostado. Logo entendi que aquilo deveria ser um abraço. Tentei olhar pra ele, mas sua cara ainda estava virada pro outro lado, claramente envergonhado.

Aproveitando o abraço, me encostei mais nele. Conseguia ouvir seus batimentos bem baixinho, e logo relaxei.

- Capítulo 7 -

Atraso

O segundo dia começou normal; acordei, me arrumei, tomei café, etc. Bom, isso mudou quando eu cheguei na escola, porque Nicholas não estava lá. Pelo o que eu tinha ouvido de seu grupo de amigos, ele chegava normalmente uns 15 min mais cedo. Devia ter dormido demais, só isso.

Quando bateu o terceiro horário, matemática, o prof tinha nos dado o horário para terminar deveres e essas coisas. Pelo jeito isso é normal nos EUA, às vezes eles tem esses tempinhos. Estava todo mundo quieto, e isso estava me deixando entediada. Já tinha feito todos os deveres em casa no dia anterior, e não podia usar o celular. Tinha ficado distraída com minha imaginação por um tempo quando ouço passos no corredor, vindo para nossa sala.

Logo que a porta se abre, Nicholas entrou se desculpendo para o professor por chegar atrasado. Meio apressado ele sentou ao meu lado, logo arrumando seu material.

— Porque você chegou tão atrasado? Ficou jogando a noite inteira?

— Não, só estava cansado mesmo.

Ele disse enquanto se virava pra mim, falando num tom meio triste. Eu ia começar uma conversa, mas fiquei em choque. Sua cara estava cheia de arranhões e alguns cortes. Um

de seus olhos estava coberto pelo cabelo, mas conseguia claramente ver um pouco de roxo em sua pele que estava escondida.

— Meu Deus, o que aconteceu? — Perguntei assustada. Ele fez uma pausa, abriu a boca como se fosse falar algo mas desistiu. Logo se virou pra mim de novo.

— Caí da escada. — Ele respondeu com um sorriso forçado.

— Parece que caiu mais de uma montanha. O que aconteceu de verdade?

— Eu já disse, caí da escada.

— Se você diz..

O resto dos horários foi tranquilo e eu estava sempre observando ele de canto de olho, algo não estava normal mesmo. No caminho da cantina, perguntei pra uma das pessoas do grupo dele:

— Você sabe o que aconteceu? Ele tá estranho hoje.

— Não sei, algumas vezes ele vem assim pra escola, a gente já tentou perguntar mas ele não diz.

— Ok..

Realmente, nada normal. Quem tem tanta má sorte pra cair das escadas tantas vezes assim? Fiquei determinada em investigar. Mas antes, era melhor cuidar dos machucados, aquilo tava bem feio.

Sutilmente cheguei perto dele e peguei seu braço. Fui puxando ele até um canto meio escondido onde não tinha ninguém.

— Ok, o que aconteceu? De verdade, me responde agora.

— Eu tropecei! Já disse!

— Não foi isso que você disse da última vez. Vem. — De novo puxei ele até o caminho que acreditava ser a enfermaria.

— Se tá procurando a enfermaria é pro outro lado.

— Eu sabia disso, só estava te testando. — Falei me virando rapidamente, envergonhada, ainda arrastando ele. Só ouvia seus risos atrás de mim. Não vou mentir, eu sorri um pouco.

Quando chegamos, sentei ele num banquinho e comecei a procurar coisas pra cuidar dele.

— Olha, não precisa se preocupar comigo, eu to bem. — Nick disse enquanto deixava suas coisas no chão.

— Vou me preocupar sim, tá claro que você não vai cuidar da sua cara tão cedo. Não quero ser chata, mas isso pode te causar muito mal. — Me virei pra ele de novo, pegando um saquinho de gelo e movendo seu cabelo pro lado. Sem surpresas, o olho dele estava bem roxo e inchado.

— Você sabe que pode me contar qualquer coisa né? Eu não vou te julgar. — Eu disse enquanto preparava um pouco de álcool num algodão. — Isso vai arder um pouco.

— Ai! Nossa, um pouco? Isso dói demais!

— Quer dizer que tá funcionando. — Respondi tentando soar menos preocupada. Estava continuando a cuidar de seus machucados, e ele parecia começar a relaxar. Sua boca abriu de novo, mas nada saiu. Estava pensando em algo, e se fosse outra desculpa eu começaria a ficar brava.

— Então... eu não caí da escada exatamente...

— Isso já era óbvio.

— Pois é.. — Ele disse rindo um pouco. — Foram meus pais.

- Capítulo 8 -

Problemas

Como assim “Meus pais?” Isso não é uma coisa natural que pais façam. Ele disse isso como se fosse normal!

— Seus pais?

— Sim. Eles fazem isso às vezes.

— Porque?

Nada. Ele não tinha me respondido. Olhou pro lado e evitou minha cara. Era tão ruim assim?

Resolvi não forçar. Se fosse tão pesado, seria melhor dar um tempo. Continuei cuidando dos seus machucados, e logo tinha passado para os curativos. Cheguei mais perto de sua cara para ver melhor.

— Você tá muito perto... — Ele disse olhando para todos os lugares além de mim.

— Eu não consigo terminar com você olhando pro lado.

— Ok..

Quando estava terminando, sua voz encheu o quarto de novo. Tinha ganhado coragem de falar.

— Eles fazem isso por diversão às vezes. Eu acho. — Falou num tom baixo. Antes que pudesse responder ele cuspiu toda a verdade que parecia segurar por um bom tempo. — Se eu fizer qualquer coisa de errado eles já fazem isso comigo.

Esqueci um dever de casa, não limpei o chão, ou cheguei atrasado. Não importa o quê.

Ele tinha dado uma pausa pra se acalmar, dava pra ver lágrimas ameaçando sair de seus olhos.

— Eles voltam tarde pra casa, minha mãe sempre bêbada e meu pai cansado. Eles liberam tudo em mim. Eu não posso fazer nada, só seria pior. Eles também são extremamente homofóbicos e racistas, e eu nunca consigo fazer amigos por causa disso, eles têm muito medo de não serem ‘normais’. — Agora ele estava chorando, liberando o que pareciam anos e anos de sofrimento.

— Por quanto tempo eles fazem isso?

— Três anos. — Ele conseguiu falar em meio a lágrimas.

Era muito triste ver alguém nesse estado, confiando em alguém que mal conhece em contar todos os seus segredos. Me senti honrada mas chateada ao mesmo tempo, era simplesmente terrível ouvir isso. Como existem pessoas tão ruins assim? Machucar alguém por pura diversão?

Resolvi não ficar só encarando. Devagar me apoiei nele, passando meus braços pelos seus ombros. Dei um abraço nele bem de leve em caso que não gostasse de contato humano. No momento parecia que tinha ficado um pouco em dúvida do que fazer, mas logo me abraçou de volta. Estava me apertando bastante, enfiando sua cara no meu pescoço, molhando meu ombro enquanto chorava. Fiquei alisando suas costas, como meus pais no Brasil faziam comigo em consolação.

- Capítulo 9 -

Caminho de volta

Demorou cerca do resto do recreio e um horário inteiro até ele se acalmar, mas a cara dele ainda estava meio inchada. Depois do abraço, ele não quis me largar mais. Suspeitei que não ganhava atenção o bastante em casa, então era bem carente. Mas não tava reclamando, eu também podia passar o dia assim. A única coisa impedindo eram as aulas.

— Nick, é melhor a gente voltar pra aula.

— Tem razão. — Ele disse ainda fungando, e se soltou de mim. Logo senti falta do abraço, e antes de ele sair da enfermaria segurei seu braço. Nicholas se virou olhando pra mim com uma cara confusa.

— Você ainda tá chateado o bastante pra... sei lá, mais um abraço...? — Disse olhando pra baixo, logo sentindo calor invadindo minha cara. Ouvi uma leve risada dele, e logo senti longos braços me cercando. Retribuí o abraço imediatamente.

— Ainda tô chateado o bastante sim.

Estávamos na última aula, prestando atenção no que o professor dizia quando senti algo bater em minha cabeça. Olhei pros lados, e logo meus olhos pousaram em Nicholas, com uma risada sendo claramente segurada, me olhando de canto de olho. Me abaixei pra pegar o papel quando percebi que era um bilhete:

Tenta não fazer careta da próxima vez que escrever de novo.

Meu olhar virou pra ele e fiz uma cara de irritada, mas por dentro estava segurando uma risada também. Logo escrevi na linha debaixo do bilhete:

E você para de ficar me encarando com sua cara feia.

Satisfeita com a minha resposta, joguei o bilhete de volta. Dessa vez ele estava prestando atenção e levantou o braço para pegar no ar. Infelizmente, foi bem na hora que o professor virou.

— Alguma pergunta, senhor Collins?

— Nop. Não, nenhuma. — Ele respondeu num susto, quase fomos pegos. Só sua reação me deixou prestes a gargalhar. Logo abaixou sua mão e olhou pra mim irritado. Não consegui segurar, morri de rir. Obviamente isso irritou o professor, e ele me tirou da sala. Não fiquei chateada, já era o último horário mesmo. Esperei na porta até a aula acabar pra ir pra casa com Nicholas, seria legal ter companhia na volta, já que Darryl estava trabalhando e Zak estava provavelmente dormindo.

— Posso lhe acompanhar até sua moradia, bela donzela?
— Eu brinquei fazendo uma reverência e esticando minha mão logo que a sala foi liberada.

— Ah, mas é claro, gentil senhor. — Ele respondeu segurando minha mão fazendo uma pose dramática. Caímos na gargalhada enquanto andávamos pra fora da escola.

O caminho de volta foi bem tranquilo, ficamos conversando sobre qualquer coisa que vinha em nossa mente. Parece

que nenhum de nós tinha percebido, mas nossas mãos não se soltaram desde a escola.

Quando tínhamos chegado perto de nosso bairro, sua cara tinha mudado de feliz para triste, eventualmente preocupada.

— Uh.. Você se importa se eu passar a tarde na sua casa hoje? Eu não quero voltar pra minha casa tão cedo...

— Claro, sem problema! Mas e seus pais? Não vão estar te esperando?

— Eu vou inventar uma desculpa. Quando é sobre escola eles não se importam que eu passe a tarde fora.

— Como assim?

— É só dizer que alguns dos profs me pediram ajuda em algo até mais tarde, coisas assim.

— Faz sentido. Só vou ter que avisar meus pais antes.

- Capítulo 10 -

Limpendo o chão

Estávamos chegando bem perto de minha casa quando ouvimos música alta sair de lá. Curiosidade bateu e corri em direção à porta. Peguei uma chave que estava debaixo de um vaso de plantas que Darryl tinha me mostrado para casos em que ninguém estava em casa.

Sem avisar, eu escancarei a porta e me deparei com Zak, dançando e cantando enquanto limpava o chão. Pelo jeito ele não tinha percebido nossa presença na hora, mas quando coloquei minha mão em seu ombro ele pulou e deu um gritinho. Nicholas começou a rir da cena, com uma risada alta e estranha, que me fez rir também. Demorou um pouco para nos acalmarmos, e quando a risada deu uma melhorada me virei pra Zak que estava me olhando com uma cara de irritação, mas segurando a risada também.

— Desculpa por chegar assim no meio do nada, mas meu amigo pode ficar aqui hoje à tarde?

— Uh.. Claro, de boas, mas, na verdade, eu ia pedir uma ajudinha pra dar uma arrumada na casa. Eu já fiz a maioria, mas eu posso terminar.

— Eu não me importaria em ajudar. — Nicholas falou logo. Me virei pra olhar pra ele e, realmente, a expressão não era de

uma pessoa que queria só ser educada. Parecia até divertido aos olhos dele.

— Tem certeza? Você é visita. — Respondi com curiosidade em minha voz.

— Claro! Vai ajudar vocês, e é o mínimo que eu posso fazer, chegando assim inesperadamente. Aquela música parecia bem interessante também.

— Desde quando você tem toda essa disposição? — Disse rindo um pouco, ao que levei um leve empurrão de seu cotovelo e ri mais.

— Se você quer tanto.. — Zak disse um com uma pausa dramática, saindo da sala e voltando com objetos de limpeza em mãos.

— MÃOS À OBRA! — Gritou, despausando a música e saindo pra limpar outro cômodo.

Eu tinha pegado um esfregão enquanto Nicholas pegava uma esponja e sabão. Ficamos limpando por volta de uns 15 minutos, quando uma música que gostava muito começou a tocar. Troublemaker de Olly Murs.

Comecei a murmurar a melodia, e logo estava cantando com minha alma. Esfregava ao ritmo da música, e não demorou muito pro rodo perder totalmente sua funcionalidade. Virou um microfone e em seguida um parceiro de dança. No canto do meu olho eu conseguia ver Nick me encarando e dançando um pouco. Rapidamente a música acaba, e a próxima começa. Honeypie de Johnny Utah. Tinha voltado a limpar, quando ouço uma voz cantando. Era muito linda, cantava exatamente no tom

da música. O som vinha de Nicholas, que dançava e cantava totalmente engajado na música, parecendo esquecer o motivo da esponja, que tinha deixado de lado. Tentei cantar também, mas minha risada não me deixava.

A próxima foi *Puppy Princess* de *Hot Freaks*. A melodia entrava em meu cérebro, me fazendo esquecer totalmente da limpeza. O rodo era meu parceiro de dança, e chegava cada vez mais perto de Nick, que também estava cantando. Uma hora, ele tinha se esbarrado em mim, quase me fazendo tropeçar. Rapidamente senti uma mão segurando meu braço e me impedindo de cair. Me puxando de pé de volta, tinha parado bem em frente a ele, perto o bastante para praticamente parecer um abraço. Por “coincidência” *Put Your Head in My Shoulder* começou a tocar, e a cara dele tinha ficado com um tom rosado. Imagino que minha cara não tenha ficado nem um pouco diferente, só que 3 vezes pior.

Olhando pros lados ele estendeu uma mão em minha direção.

— Quer dançar..? — Seus olhos iam para todas as direções invés de minha cara. Era uma coisa que ele fazia toda vez que ficava envergonhado, tinha percebido isso há um tempo.

Cautelosamente coloquei minha mão na dele, e começamos a dançar. Devagar ficamos dançando em círculos pela sala, nossos olhos se encontrando de vez em quando. Tentava não pensar muito sobre o momento, como era estranhamente romântico essa música tocar naquela hora, e tentando ignorar o batimento rápido do meu coração que era o bastante para me

dar um ataque de pânico. No meio da música consegui relaxar, e apoiei minha cabeça em seu ombro, como a música dizia.

Nossos passos ficaram mais devagar conforme a música acabava. Nem soube como isso deu certo, mal dancei música lenta em minha vida, e imaginava que ele também não. Eventualmente nossos olhos se encontraram e parecia que não queriam mais se desgrudar. Aquele verde rajado de marrom tirava todo meu ar. Nunca tive uma boa chance de estudar suas características como tive agora. Olhos meio caídos, várias pintas espalhadas por sua cara, mas que não chegavam a ser sardas. Pele clara mas ao mesmo tempo corada, nariz arrebitado e lábios rosados que deixavam expor seus dentes. Fios de cabelos quase ruivos caíam em sua testa, levemente ondulados. Achei que tinha ficado lá por horas, estudando seus detalhes, quando eram meros dois minutos. A próxima música começou a tocar, me tirando do transe.

Quando percebi que tinha ficado encarando, com as mãos atrás de seu pescoço, e com minha cara perto da sua o bastante para quase sentir sua respiração, saí rapidamente de seus braços com as bochechas mais quentes do que quando eu tenho febre.

- Capítulo 11 -

Telhado

A limpeza não demorou a terminar, Zak realmente tinha feito a maioria enquanto estávamos na escola. Como um relógio, minha barriga começou a roncar.

— Ah, devem ser 16:00. Quer lanchar? — Falei enquanto continuava a guardar os produtos de limpeza.

— Como você sabe que horas são? Não tô vendo nenhum relógio por aqui.

— Minha barriga. Eu começo a ficar com fome às 16:00. — Falei como se fosse algo normal, e ele estava claramente confuso. — Não acredita? Olha o relógio.

Com isso Nicholas pegou seu celular e olhou pra mim com uma cara de impressionado.

— E aí? Acertei?

Sem falar uma palavra ele me mostrou as horas. “16:02” era o que aparecia na tela.

— Sabia! Sempre funciona!

— Como você faz isso?

— Não sei. Nem eu tenho ideia.

— Ok, se a senhora tem tanta fome que até conta as horas pra comida, que tal um piquenique?

Antes que pudesse responder, minha barriga fez barulhos bem altos, o bastante pra ele ouvir.

— Vou levar isso como um sim. — Ele disse rindo um pouco.

Nós juntamos toda a comida, e logo saímos. Nos despedimos de Zak, que estava com um sorriso estranho na cara. Ele tinha definitivamente algo em mente. Empurrei esses pensamentos de lado, assim que senti uma mão em meu braço me arrastando para aquele bosque atrás de casa.

— Vem, eu quero te mostrar um lugar que eu adoro!

Com isso entramos cada vez mais naquele bosque, que eventualmente virou uma floresta. Quando tomei por mim mesma, estava no mesmo lugar que fui presa por uma armadilha.

— Ah, aliás, me desculpa pelas suas costas anteontem. Não era minha intenção te soltar daquele jeito. Elas já estão melhores?

— Já, já estão bem melhores, só tem um rox... Peraí? Como você sabe das minhas costas?

Ele só ficou olhando pra mim me dando tempo pra pensar.

— Você é aquele menino mascarado!? — Eu disse quase gritando. — Então aquele menininho era seu irmão??

— Pois é. Eu te conto depois. Eu ainda não te mostrei algo.

E com isso ele me levou mais pra trás de uma cabana num canto daquele lugar, chegando num descampado. Logo atrás havia um pequeno rio por entre morros. Era muito lindo. Fiquei admirando enquanto ele preparava a comida. Sentei ao seu lado e começamos a comer apreciando a vista.

Ficamos conversando por horas, a comida já tinha acabado há muito tempo. Mas uma pergunta estava na minha cabeça desde o começo.

— Nick

— O que foi?

— Por que você e seu irmão ficam aqui? Neste lugar?

— Por causa dos meus pais na maioria das vezes. Eu achei esse lugar um dia quando eu fugi de casa, e virou nosso esconderijo desde então.

— E por que as máscaras?

— Isso é por causa de vizinhos enxeridos que viram eu e meu irmão indo pro bosque um dia, e disseram pros nossos pais. Nossa sorte é que eles não acharam o lugar. Por isso a gente usa as máscaras, não queremos ser dedurados.

— Faz sentido..

Logo após essa conversa, a gente caiu num silêncio confortável. Ficamos lá só curtindo a presença um do outro.

Não muito depois, o céu escureceu, e as estrelas começaram a aparecer. Nós estávamos começando a ficar com frio, então resolvemos voltar. Chegando em casa, nós subimos direto pro meu quarto, sem ninguém nos ver. Pegamos uns cobertores e fomos pro telhado. Esticamos um dos cobertores para deitarmos em cima e o outro, que sobrou, dividimos para nos cobrir. No momento não ligamos pra proximidade. Bem, pelo menos eu não. Até gostei, na verdade. Não muito depois, ele começou a me ensinar sobre as estrelas, coisas que até eu não sabia como explicar. E então falou sobre as constelações.

— E aquela ali é a constelação de Pegasus.

— Como você sabe tanto sobre elas? Estrelas, em geral?

— É o trabalho do meu pai. Por causa disso, ele tem vários livros lá em casa, e como eu mal saio, eu fico lendo. Eu gosto muito de astrologia, na verdade. Meu sonho é virar um Astrônomo, mas não como meu pai. Ele é nojento.

Logo que terminou sua frase eu me lembrei de seus machucados, e me virei de frente pra ele. Sem perceber, coloquei uma mão sobre sua cara e o virei pra mim, tentando analisar os curativos e cortes de antes. Eu não conseguia ver de perto direito, tinha tirado meus óculos quando deitei, então cheguei mais perto.

Não demorou muito até sentir a pele embaixo da minha mão esquentar. Achei que ele tinha ficado com febre de repente. Ia perguntar se ele estava bem, quando percebi a situação. Faces a meros dois centímetros de distância, minha mão em sua bochecha fazendo sua cara se virar pra mim, e ele sem palavras. Nossos olhos se encontraram, e o calor subiu a minha cara instantaneamente. Num pulo eu me distanciei, e pelo canto do meu olho eu vi que ele fez o mesmo.

— Uh... Já tá bem tarde, é melhor eu voltar. — Nick disse olhando pro lado, logo se levantando.

— Ah sim, claro. Boa noite. — Não olhando pra trás onde ele saía, eu respondi. Logo coloquei meus óculos de volta. “*Se não fosse pelos óculos isso não aconteceria.*”



- Capítulo 12 -

Verdade

O dia seguinte passou devagar. Devagar demais para o meu gosto. Nick não tinha vindo de novo pra escola, e não ouvi sobre ele o resto do dia. Tinha acabado de voltar pra casa, abri a porta e sentado no sofá estava Zak. Darryl estava trabalhando, já que era o meio da semana. Zak trabalha também, mas ele meio que escolhe quando. Mal pisei dentro de casa, quando Zak começou a falar:

— Como tá indo seu namorado?

— Quem? O que?

— Seu namorado. Aquele que veio aqui ontem, Nick, o vizinho?

— O Nick? Pfff nunca! Quem é ele mesmo? Nunca ouvi falar. Vou pro meu quarto agora tá? — Praticamente cuspiendo as palavras, eu tentei correr pro meu quarto com uma cara de envergonhada beeeeeem visível.

— Nananinanão. Pode parar bem aí! — Ele correu atrás de mim, colocando a mão no meu ombro pra me parar. — Pode tentar disfarçar, mas tá na cara que você gosta dele. Senta aí e me conta tudo. — Zak disse logo me empurrando pra cozinha e me sentando numa cadeira, só esperando eu começar a falar.

— Ele é só um amigo, não se preocupa.

— Só um amigo, hm? Não pareceu isso quando vocês estavam dançando ontem.

— Olha, em minha defesa, ele que me convi... peraf... Você viu?!?! — Minha cara tinha ficado branca, mudando para vermelho em quase um segundo.

— Pois é.. Que estranho ‘Put your head on my shoulder’ tocar bem na hora não..? — Ele disse com um sorriso convencido, de quem sabia a verdade e só estava esperando eu admitir.

Zak começou a rir da situação, enquanto eu estava em pânico. Antes que eu pudesse ter um ataque do coração e de vergonha, ele voltou a falar.

— Olha, eu realmente acho que vocês deveriam ficar juntos. Tem que aproveitar o ano que você tem aqui, e achar alguém logo no começo? Nossa, que sorte!

Estava começando a considerar a sua ideia quando uma coisa veio na minha cabeça. Os pais dele. Voltei a me preocupar quando lembrei que ele não tinha ido pra escola e ainda mais não seria nada bom se os seus pais descobrissem que ele estava na minha casa no dia anterior. Pelo jeito, Zak percebeu que tinha algo de errado.

— Tá tudo bem? Você ficou estranha de repente..

Fiquei pensando se deveria contar sobre os pais dele. Era uma coisa pessoal, eu sei, mas eu confiava nos meus pais e tinha certeza que eles podiam ajudar.

— Zak, sem brincadeira agora, preciso de sua ajuda.

— Claro.. o que foi? — Ele respondeu nitidamente confuso.

Respirando fundo, comecei a explicar a situação pra ele, e que precisávamos de um plano rápido. Sua cara foi mudando de preocupação, para triste, brava e eventualmente pena. Combinamos de contar toda a história para Darryl naquele jantar. Pelo o que Zak me disse, ele já viveu em uma situação parecida, e sabia o que fazer.

Plano

Naquele jantar, contamos tudo a Darryl. Incrivelmente ele não estava impressionado, então começou a explicar o que sabia.

— Eu venho suspeitando de que algo não é normal naquela casa mesmo. Desde que eles se mudaram, eu vi que só os pais saíam de lá, quando claramente eu conseguia ouvir mais vozes. Às vezes os pais brigam com os meninos, mas não tenho certeza se realmente é com os dois.

Eu já tentei falar com os pais dele, mas toda vez que eu venho puxar papo eles nem me notam, e quando percebem que eu tô ali, eles me olham de um jeito nojento. Às vezes eu ouvia gritos vindo de lá, mas não pareciam de uma criança.

— O irmão dele é bem pequeno, por volta de uns 7 anos. — Eu expliquei, realmente encaixando o fato que os pais só pareciam bater no Nicholas.

— Ok, isso já é um fato importante para anotar. — Darryl disse, e Zak logo levantou pra pegar um caderno e caneta. — Então, o que sabemos até agora: O pai é um astrônomo e ele tem um irmão que não é alvo dos pais.

— Anotado. — Zak diz depois de uns segundos escrevendo.

— Chomi, você sabe mais sobre alguma coisa sobre ele ou a família dele?

— Uhhh... — Fiquei pensando por pouco tempo, até que uma na ideia explode em minha cabeça. — Já sei! Ele e o irmão têm um esconderijo ali atrás no mato! Quando a gente quiser falar com ele, provavelmente a gente vai achar o Nick lá!

— Boa! Isso ajuda muito já! — Darryl disse.

Com tudo que anotamos, formamos um plano. A minha ideia era de falar com o Nick durante a escola para nos encontrarmos no esconderijo. Claro, se ele não faltasse de novo.

— Eu tenho muita pena dele. Eu entendo totalmente como ele se sente... — Darryl começou a falar novamente, com clara tristeza em sua voz.

— Como foi o seu caso? Se não quiser responder não precisa. — Eu perguntei, claro que eu tinha curiosidade. Mas mesmo assim, eu sabia que era um assunto difícil para se falar.

— Eu não me importo na verdade. — Ele disse, logo olhou para Zak que colocou uma mão em cima da sua.

— Foi quando eu estava no meio do High School, na verdade um pouco antes. Eu tinha percebido que eu não gostava de meninas tanto assim, mas não era tão claro pra mim. Eu morria de medo só de pensar na possibilidade de ser gay, imagina se os meus pais descobrissem. Eles eram muito homofóbicos, eu não podia nem falar a palavra 'gay' ou 'homossexualidade' em casa, mesmo se eu estivesse falando de outra pessoa. Eles sempre achavam que eram atos e palavras que atraíam o demônio, ou coisas assim. Mas, no segundo ano, eu conheci o Zak, que me ajudou a me conhecer e também a perceber o quão tóxicos meus pais eram. No final daquele ano, eu finalmente

contei pra eles, e não foi bonito. Resumindo, eu fiquei preso em casa por dias, eles não me deixavam nem sair do quarto e eu sofria todo tipo de agressão física e verbal. Parecia que eu era um monstro. A coisa boa, é que Zak conseguiu me tirar de lá o mais rápido possível. Mesmo que nossos motivos possam não ser os mesmos, ser xingado e visto como uma aberração e ser espancado pelos seus próprios pais, quem você pensava que podia confiar, é terrível. Demorou um bom tempo até eu conseguir me recuperar. E se isso me trouxe demônios, eu não me arrependo de nada. — Ele disse ainda segurando a mão de Zak, agora sorrindo em direção a ele. A história era triste, mas ao mesmo tempo feliz, por fazer ele ter percebido o quão ruins essas pessoas eram, ainda por cima era bom ele ter conseguido se libertar disso.

- Capítulo 14 -

Manhã estranha

“Ok, plano de hoje: Convencer Nicholas a ouvir nosso plano (e esperar que ele não fique bravo comigo por ter contado para alguém).”

O sino tocou, significando segundo horário, história. Justo a aula com o professor mais chato de todos, que não deixava a gente nem dar um pio. Toda terça, quarta e sexta eu tinha aula com o Nicholas. 30 min de aula e Nick ainda não tinha chegado. Se ele não viesse hoje, teríamos de fazer o plano sozinhos com o dobro de esforço, porque o Nicholas era essencial para ajudar, e o PIOR, isso podia ser considerado sequestro. E eu sinceramente não queria tentar invadir a casa deles, ou ainda mais ser cúmplice de um sequestro, já infringindo a lei duas vezes. Por sorte, bem quando eu estava esperando o pior, ele entrou pela porta. Nada parecia anormal, só o atraso que me assustou.

— Porque você chegou tão atrasado? — Perguntei num sussurro.

— Dormi demais. — Ele respondeu meio rápido, nem olhando pra mim.

— Tem certeza? Da última vez você tava mentindo.

— Bom, dessa vez não estou. — Tinha clara irritação em sua voz. Eu não sabia o que fazer, Nick deve ter tido algum pesadelo ou algo assim, porque sua manhã parece ter sido terrível.

— Ok..

O resto da aula foi silenciosa, ele não falando comigo ou se virando pra mim nem uma vez, e eu quase tendo um ataque de pânico. Se Nick não quisesse nem falar comigo, como que eu contaria nosso plano? Se eu for acusada de alguma espécie de crime aqui, meu sonho já era também. Eu posso ser colocada alguns dias na cadeia aqui, pegar multa, ou ser mandada direto de volta pro Brasil. Eu tinha que tentar falar com ele de alguma maneira.

O terceiro horário passou devagar, a ansiedade de uma possível briga acontecer, e ainda mais ele não concordar com o plano não ajudava. Os segundos passavam como horas, e o mundo começou a girar, com a minha visão embaçando. Esses eram uns dos meus maiores sinais de que ia ter um ataque de pânico, por qualquer motivo na verdade. Mas o que normalmente causava era eu ser o centro das atenções em lugares cheios de pessoas. Por sorte, bem quando minha garganta começou a fechar, o alarme do recreio tocou. Logo consegui escapar desse meu transe, e só então percebi que Nick tinha sumido. Saí correndo da sala e vi ele do outro lado da cafeteria. Fingindo calma e confiança, fui andando até ele. Não demorou muito para me notar chegando, e para minha surpresa, ele começou a vir em direção a mim também.

— Precisamos conversar” Cuspimos as palavras ao mesmo tempo. Depois disso foi estranho. Os dois esperando o outro falar primeiro.

— Que tal nós conversarmos lá no jardim? — Consegui quebrar o silêncio que parecia tão denso que poderia cortar com uma tesoura. Sem dizer nada, ele começou a me arrastar para lá.

O caminho inteiro foi, de novo, tenso. Se tivesse que descrever de outra maneira, poderia ser: estranho, silencioso, estressante. Era terrível, e eu só queria terminar com aquilo o mais rápido o possível, talvez tentar descobrir o motivo de tanto cansaço que ele parecia ter. Chegando lá, ele me sentou no mesmo banco de antes, aquele de quando eu tive um ataque de pânico.

- Capítulo 15 -

Amigos

— Quer falar primeiro? — Ele perguntou.

— Ao mesmo tempo. Eu acho melhor. — Eu respondi, sinalizando que fizéssemos a contagem regressiva de cinco. Logo que começamos a contar meus pensamentos voavam pela minha cabeça, todos eles rolando em menos de um segundo, cada um trazendo muito mais ansiedade.

— 5...

“Será que ele ficaria bravo pelo segredo exposto ou aliviado de ganhar ajuda?” Meu coração começou a acelerar.

— 4...

“Porque será que ele tá bravo comigo? O que eu fiz de errado? Foi por causa do telhado de ontem?” Minha garganta fechou, minha respiração mais rápida e curta.

— 3...

“O que ele vai me dizer? Pela cara dele com certeza não é bom. Ou será que é uma coisa feliz?” Suor frio tinha começado a descer pela minha pele.

— 2...

“E se ele recusar o plano? E se ele não quiser ajuda? E se eu contei os problemas dele por nenhum motivo?” A tontura tinha voltado.

— 1...

“Por que ele chegou atrasado exatamente? Foi por causa dos pais ou porque ele só dormiu demais mesmo?” Minha visão começou a desfocar. Tensão que parecia se intensificar a cada segundo, e os segundos parecendo horas. O tempo tinha parado oficialmente. Num susto o mundo voltou ao normal, e ouvi minha própria voz gritar:

— EU FIZ UM PLANO PRA TE SALVAR DOS SEUS PAIS!!

— Não podemos mais nos ver.

Ele disse com seriedade, como se nenhuma emoção existisse mais dentro dele.

“Peraí? Eu ouvi certo?”

— Não podemos mais no ver? — Repeti, rezando para que eu tivesse entendido errado. Pela sua expressão esse não era o caso.

— Meus pais nos viram.. Ontem.. No telhado.

Já podia imaginar o que aconteceu depois.

— Eles me mandaram parar de falar com você, ver você. Foi por isso que eu cheguei atrasado hoje. Ele me *ameaçaram*, Chomi. Você sabe que eu também não queria isso. Eu acho que nossa amizade acabou. — Ele disse com um tom frio, olhando fundo nos meus olhos, como se eu tivesse acabado de matar alguém de sua família. Ele tinha começado a se levantar para sair, e meu mundo começou a cair. Uma onda gigante de tristeza tinha me atingido, mas lá dentro eu ainda tinha um pouco de esperança.

— Não, mas, perai! Você não quer nem saber sobre o plano? A gente vai finalmente poder te tirar daquele lugar! Não vai mais precisar viver assim!

Por um momento tinha jurado que pude ver ele parar, como se não tivesse ouvido minha proposta antes, como se estivesse realmente considerando a ideia.

— Posso pensar sobre isso, mas eu sei que não vai dar certo. O meu irmão sofreu por causa disso. Justo o meu irmão. Eles não acham que ferrar comigo fisicamente tá bom, eles decidiram me destruir emocionalmente. — Dava pra perceber que ele não tinha forças para olhar nos meus olhos, muito menos se virar pra mim. Minha tristeza tinha começado a se misturar com raiva, lágrimas ameaçando aparecer.

— Se você consegue reconhecer o que eles estão fazendo com você, ENTÃO PORQUE VOCÊ NÃO PARA?! SAI DES-SA! EU TÔ TENTANDO TE AJUDAR! — Eu consegui gritar com toda a raiva que eu tinha, não só dele mas de seus pais.

— MEU IRMÃO TÁ SOFRENDENDO A CADA MINUTO QUE EU TÔ FALANDO COM VOCÊ!!

Ele gritou, de um jeito tão alto que a sua voz começou a quebrar no meio da frase, e me fazendo recuar para longe dele num susto. Ele realmente não queria mais falar comigo?

Nick então começou a correr para dentro da escola de novo, me deixando sozinha lá, com meu mundo completamente quebrado, em cacos que facilmente me cortariam se fossem de vidro.

“Isso tudo é culpa minha?”

- Capítulo 16 -

Disposição

Já se faziam duas semanas que não via Nicholas. Não parecia muito para os outros, mas para mim o tempo era distorcido, horas virando dias e dias virando semanas. Era terrível, e eu nunca havia percebido o quanto eu sentia sua falta. Claro, eu tinha bons motivos, como ser meu único amigo aqui, num país estrangeiro. Ainda assim eu não conseguia evitar de sentir algo faltando. O tempo inteiro eu não saí da cama, sem energia para nada. Durante todo esse tempo, meus pais foram super legais comigo, sempre tentando me fazer mais animada, o que fez a gente se aproximar mais.

Hoje eu fui arrastada para fora da cama por Darryl, tentando me fazer ver o mundo lá fora. Eu entendia que era pro meu bem e tals, mas eu simplesmente não tinha energia. E ainda mais, quando eu digo arrastada, seria literalmente arrastada. Pelo menos eu não precisava andar enquanto era puxada pelos meus pés em direção à sala.

— Vamos lá, levanta. Eu não vou te puxar nas escadas.

— Por que naaaaaaaaaaaaaaaaaaao? O chão é tão confortável! — Eu disse ainda deitada, olhando pro teto e recusando me mover.

— Para de fazer birra e vamos tomar café! Ficar na cama o dia inteiro não vai ser bom pra você! — Darryl disse enquanto

esticava uma mão para eu pegar, com um sorriso amigável no rosto. Me levantei com muito desgosto e fui sussurrando palavras em português até a cozinha.

Após o café, Darryl tinha oferecido para irmos passear pela cidade, tomar sorvete e essas coisas. Nós conversamos muito durante tudo isso, e devagarinho meu humor foi melhorando. Eu contava sobre o Brasil, enquanto ele contava coisas sobre sua vida. Foi bem divertido no final, e voltamos perto do almoço.

Durante a tarde, eu decidi dar um passeio sozinha, para liberar a mente, e também porque a cama estava me chamando de novo. Não queria me dar por vencida, e também seria bom aproveitar a pouca disposição que tinha. Não demorou muito para sair de casa, já que eu só decidi fazer um piquenique. Depois de juntar todas as comidas e tudo mais, eu fui em direção ao pequeno bosque onde ficava o esconderijo. Claro, isso poderia me fazer um pouco mais triste por causa de memórias, mas aquele gramado depois do esconderijo era muito bonito e não queria perder a chance de ver.

Quando comecei a seguir a trilha do bosque, ouvi barulhos atrás de mim. No canto do meu olho eu consegui ver um vulto, bem pequeno, e rapidamente me virei. Atrás de mim havia um esquilo com a boca cheia de nozes. Quando me percebeu tomou um susto e saiu correndo. Por puro impulso eu sai correndo atrás dele. Com licença, mas um esquilo não é uma coisa que se vê no Brasil. Tinha todos os direitos de correr atrás dele.

Percebi que aquele animal seguia a trilha pro esconderijo também, então não era como se eu fosse me perder lá dentro. Não demorou muito para que ele sumisse e fiquei vagando por lá enquanto tentava achá-lo nas árvores. Como eu estava olhando para cima, eu acabei tropeçando numa raiz, quase caindo no chão. Eu só tinha ficado lá parada esperando o impacto quando estranhamente minha cara não atingiu a terra. Olhando para frente eu percebi que eu estava no lugar do esconderijo. Devagar eu olhei pra cima, me deparando com uma certa pessoa mascarada.

Não pensei duas vezes, e o abracei, e ele rapidamente retribuiu o abraço também. Ficamos lá por uns dois minutos, quando comecei a ouvir barulhos dele chorando baixinho. Rapidamente me desgrudei dele e levantei sua máscara. Realmente, ele estava chorando, com olheiras fortes embaixo de seus olhos, e todo sujo de terra.

— Tá tudo bem? Eu não te vejo há semanas! O que aconteceu? — Perguntei enquanto desesperadamente tentava não chorar também. Eu sentia muita saudade, mas não podia ficar assim quando ele claramente precisava da ajuda de alguém. Então eu tive que ser forte. Ele não tinha me respondido, só me abraçou de novo.

— Vem, vamos nos sentar. Eu trouxe comida. — Eu disse retribuindo o abraço, meio que arrastando ele para aquele gramado. *“Só espero que seja o bastante para nós dois...”*

Lá, eu comecei a arrumar o piquenique enquanto ele só sentava no chão tentando se acalmar. Quando terminei, fui para

cima da toalha e fiz um sinal para que ele viesse ao meu lado, mas, para a minha surpresa, ao invés de se sentar, ele deitou sua cabeça no meu colo. Eu só deixei, ele claramente precisava de carinho, e o que não é melhor do que uns cafunés quando você está chateado? Sempre funcionou pra mim.

— Toma seu tempo, me conta tudo quando você se sentir mais calmo. — Eu disse enquanto olhava para baixo e fazia cafunés. Nossos olhos se encontraram, mas pela primeira vez eu não tentei desviar. Deixei o calor subir para minha cara, e dei um sorriso. Ele sorriu de volta, e começou a falar.

— Depois daquele dia, eu voltei para casa e disse pros meus pais que eu não ia mais te ver. Eles então pararam de bater no meu irmão e em mim também. Eu acho que eles estavam tentando me recompensar de alguma maneira. Por um tempo eu pensei que o que eu tinha feito era a coisa certa, até eles começarem de novo, e duas vezes pior. Depois de um tempo eu cansei, e vim pra cá. Eu estou morando aqui por volta de uns 5 dias. Eu percebi que eu não fiz a coisa certa ao me afastar de você, mas estava com muita vergonha de ir pedir desculpas. Você me perdoa? — Ele contou, virando sua cara pra mim. Tinha uma expressão de arrependimento e tristeza.

— Não sei... Talvez. Mas não agora. Eu ainda tô brava. — Disse claramente brincando.

— Não te culpo. Ponto válido.

Ficamos conversando lá por um tempo, às vezes beliscando na comida. Sem perceber, minha mão passava de seu cabelo para sua bochecha, alisando suavemente enquanto eu

admirava a vista. Foi aí quando eu senti uma mão no meu braço, me fazendo parar.

— É muito tarde pra fazer o plano?

- Capítulo 17 -

Preparação

Em um piscar de olhos estávamos na minha casa. Não demorou muito para Darryl e Zak perceberem sua presença.

— Nicholas? Você aqui? Achei que tinha terminado com ela. — Zak disse olhando para ele.

— Zak, agora não é hora. O que te traz aqui? — Darryl falou certamente preocupado, pelo o estado do Nicholas eu também estaria.

— É uma longa história. Vai tomar banho, vai. Você precisa. — Eu cortei a conversa enquanto empurrava ele para as escadas.

— Tem toalhas no segundo armário à direita! — Zak começou a andar em direção a ele, provavelmente tentando achar algo para Nick vestir.

Quando os dois estavam fora de vista, eu puxei Darryl e comecei a falar tudo que tinha acontecido naquele dia. Isso foi tempo suficiente para Zak voltar lá de cima.

— Ele quer fazer o plano. — Eu contei com uma expressão séria.

Decidimos esperar ele sair do banho para contar o plano. Enquanto isso, Darryl estava terminando de cozinhar o jantar, e eu e Zak estávamos do lado conversando.

— Nick parecia muito pior hoje mais cedo. Por sorte ele tinha aquele esconderijo, se não ele estaria nas ruas agora.

— Mas que sorte foi essa, se esbarrar nele? — Zak perguntou.

— Eu não sei, mas que bom que aconteceu. Parecia que ele não aguentaria mais um dia lá.

— Eu acho que deveríamos deixar ele morar aqui temporariamente. — Darryl disse sem contexto nenhum, interrompendo nossa conversa. Antes que pudéssemos responder, ele continuou.

— Sem dúvidas vai ser melhor do que mandar ele para sua casa, ou para aquele bosque de novo. Aliás, ele precisa do maior apoio possível, principalmente nessa hora. Vai ser bom para conseguirmos repassar o plano.

— Concordo. O único problema é que ele não tem nenhuma roupa nem nada aqui. Vamos ter que sair amanhã para comprar tudo isso. — Zak respondeu, parecendo tão pensativo quanto Darryl.

— Por acaso, eu já pensei nisso. Amanhã vamos sair bem cedo pra comprar comida, vamos aproveitar também para comprar algumas roupas para o Nicholas, então acho melhor ele ir com a gente. Podemos tentar pensar se precisamos comprar alguma coisa a mais para o plano. Enquanto isso, Chomi, você pode arrumar algum lugar pra ele dormir? A gente só tem um quarto extra já que normalmente não vem mais de uma pessoa de intercâmbio.

Tomei um susto quando ouvi meu nome. Estava tão concentrada em entender o que eles estavam falando por conta da velocidade e palavras difíceis que não soube como responder.

— UH-uh. Claro! Sim senhor!

Os dois olharam pra mim e começaram a rir, de alguma maneira eu tinha conseguido tirar toda a tensão e seriedade da atmosfera.

— Do que vocês estão falando? — Nick apareceu parado na porta.

Durante o jantar nós começamos a discutir o plano. Nicholas tinha gostado inicialmente, mas sempre fazendo alguns ajustes com o que era possível.

- Capítulo 18 -

Ligação

No dia seguinte começamos a colocar o plano em ação. Nicholas tinha nos contado que seus pais tinham câmeras em todos os lugares da casa, e que sempre apagavam as gravações que levariam a possíveis provas. Então tivemos uma ideia.

Depois que Darryl e Zak voltaram das compras com Nick, a primeira fase começou. Naquele momento Nick estava voltando para a casa dele, e o plano era de ele fingir que estava arrependido. Lá dentro, ele ensinaria o mais rápido possível pro irmão, como gravar vídeos com um celularzinho antigo que emprestamos a ele. Então, ele iria se posicionar num lugar com várias câmeras, enquanto seus pais o batiam. Assim, o irmãozinho estaria lá nos computadores gravando tudo, antes que seus pais conseguissem apagar, e isso já resultaria em provas.

Ficamos vigiando Nick voltar para sua casa, mesmo que fosse uma pequena caminhada. Antes que ele conseguisse encostar na sua porta meu celular começou a tocar. Me desculpei e fui para o quarto ao lado para atender.

Quando vi o contato, percebi que era minha mãe. Isso já era estranho o bastante, já que decidimos nos falar todos os dias na mesma hora.

— Alô?

— Chomi?

— Oi mãe, o que foi?

— Chomi, eu odeio te dar essas notícias, mas você vai ter que voltar pro Brasil mais cedo.

“Voltar para o Brasil mais cedo?”

— Do quê você tá falando, mãe? — Eu disse revirando meus olhos, eu sabia que ela podia ser bem dramática, e não pensava direito antes de tomar uma decisão.

— Filha, eu não estou brincando. Você vai precisar voltar essa semana.

Seu tom era rígido e amedrontador. Essa frase fez meu coração parar. Ela não estava de zoeira.

— Porque? O que aconteceu? — A preocupação já havia subido em minha cabeça. Se era tão sério assim, algo não estava certo. Querer que eu voltasse quando eu estava lá há pouco mais de 1 mês? Sem contar que intercâmbio custava dinheiro!

— É seu avô... Ele adoeceu da última semana para cá. — Ela disse num tom fraco, como se algo terrível estivesse prestes a acontecer. E realmente estava. Eu amava muito meu avô. Ele tinha cuidado de mim e dos meus irmãos desde que meu pai nos deixou, mais ou menos quando eu tinha uns 5 anos. O fato de ele estar doente não era uma coisa anormal, mas doente o bastante para me fazer voltar não era um bom sinal. Eu não queria sair de lá tão cedo, ainda mais naquele momento. Mas eu não tinha escolha.

— Quando exatamente eu volto? — Eu disse segurando as minhas lágrimas, mesmo que meu coração doesse. Eu tinha que ser forte pela minha mãe, que com certeza estava sofrendo

mais do que qualquer um na família. Era o pai dela, afinal. Eu tinha que ser forte pelo Nicholas também. Eu não podia enfraquecer agora, bem no meio do plano.

— Esse final de semana. — Ela respondeu.

— Ok. Eu...tenho que ir agora, mãe. Te amo.

— Te amo, vai com Deus. — E assim ela desligou. Minha mãe era uma mulher muito carinhosa e amável, mas quando ela estava triste ou estressada era o contrário. Logo que a ligação terminou eu senti uma lágrima descer pela minha cara. Rapidamente tirei ela, e voltei para Darryl e Zak.

- Capítulo 19 -

Nick

Dei um último tchau para Chomi, Zak e Darryl antes de voltar para casa. Enquanto voltava, conseguia ver de canto de olho eles me olhando da janela. Eu sei o que me esperava, e não ia ser bonito. Pelo menos, ia sofrer pela última vez. Antes de bater na porta, eu escondi o celular que eles tinham emprestado no meu bolso. Foi difícil aprender como usar isso, já que eu nunca pude encostar em um. O maior problema agora: ensinar tudo a Matthew. Ele sempre foi um menino muito criativo, otimista e feliz. O único problema é que ele não era muito bom com máquinas. Já foi difícil ensinar pra ele como que uma das armadilhas funcionavam lá no bosque, imagina uma máquina inteira.

Quando olhei para cima de novo, eu estava em frente a minha porta. Com todas as forças que tinha, eu coloquei a cara mais convincente possível e bati na porta. Não demorou muito para eles abrirem. Só suas presenças fizeram meus nervos ficarem à flor da pele, e ao mesmo tempo fazerem com que minhas pernas tivessem a vontade de me levar para mais longe o possível. Era sempre assim. Uma mistura de ódio e medo me atingiam, fazendo eles virarem repugnantes aos meus olhos.

— Pai, mãe, me desculpem. Eu não pensei direito quando eu fugi. — Disse exatamente o que eles queriam ouvir, sem tentar parecer suspeito.

Eles se olharam por um momento, até que minha mãe abriu um espaço para eu passar. Mal dando um passo para dentro, eu tropecei em algo, que depois percebi que era o pé do meu pai. Não tive tempo o bastante para conseguir parar a queda, no que resultou com a minha cara no chão. Antes que pudesse me mexer, eu senti um pé nas minhas costas me impedindo de levantar, aumentando a dor que eu já sentia pela queda. Ouvi a porta se fechar e alguém chegando bem perto do meu ouvido. Tinha começado.

— Você sabe o que vai acontecer. Você vai se arrepender de verdade agora. Sobe pro seu quarto. — Ele disse num tom tranquilo, quase como se estivesse relaxado. Isso só me dava mais medo, porque normalmente quando ele falava assim significava que ele estava super irritado. Sentindo seu sapato sair de minhas costas, saí correndo para as escadas. Lá, eu tranquei a porta rapidamente, e encontrei Matthew olhando pra mim, surpreso. Como havia pensado, ele estava brincando com qualquer coisa que pudesse ter lá. Virei pra ele, lhe mostrando o celular com o tempo que eu tinha enquanto meus pais pegavam o que quisessem para bater em mim.

— Matt, Matt, me escuta. Memoriza tudo que eu falar ok?

— Ok! — Ele disse com um sorriso no rosto, claramente feliz por eu ter voltado.

— Olha, isso aqui é um celular. Eu preciso que você leve para o quarto proibido, onde vão ter algumas televisões que mostram a filmagem das câmeras aqui de casa. Quando achar a que eu vou aparecer, eu preciso que você pegue o celular e

clique nesse botão aqui, o vermelho grande ok? Aí você filma a que vai estar aparecendo eu e nossos pais. Corre pra lá assim que eles entrarem aqui.

— Uh... Eu vou tentar! — Ele disse logo colocando um sorriso no seu rosto, que antes estava com uma expressão de curiosidade. Assim, entreguei o celular a ele.

— Não mostra isso pro papai nem pra mamãe. Ok? Mesmo se eles quiserem saber o que é, não mostra. — Eu disse dando um abraço nele. — Quando você vir que eles estão saindo do nosso quarto pelas televisões, clica no botão vermelho de novo e sai dali mais rápido o possível e se esconde.

— Tipo pique-esconde?

— Exatamente, pique-esconde. Igual lá no esconderijo. Quando eles não estiverem mais lá, você vem aqui no quarto de novo.

— Ok! — Matthew me respondeu, segurando o celular como se fosse a coisa mais preciosa do mundo. Nesse momento eu ouvi nossos pais subindo as escadas. Era agora.

— Esconde o celular! Não deixe eles verem. Corre com ele para o quarto proibido, a chave está dentro do vasinho em cima da mesa. — Eu disse dando um abraço nele. Com o meu comando ele guardou o celular num dos bolsinhos da calça. Quando me soltei, a porta foi arrombada pelos nossos pais.

— Matthew, vai pra fora do quarto. vamos conversar com o seu irmão rapidinho. — Matt acenou com a cabeça, e com suas pequenas pernas ele saiu rápido de lá, olhando para mim uma última vez antes da porta se fechar. Comecei a rezar.

- Capítulo 20 -
Matthew

Matthew corria o máximo que podia, descendo as escadas, passando pela cozinha e dando de cara com o quartinho proibido. Esse era um lugar que os meninos não podiam entrar nem se quisessem, senão as consequências eram grandes. Matt não entendia porque o irmão queria que ele entrasse ali com o tal celular, sendo que Nick sabia que esse ato o colocaria em grandes problemas.

Ao mesmo tempo, sua mente de criança se encheu de curiosidade, sempre querendo saber o que tinha lá dentro. Ele decidiu ignorar as regras dos pais, e pegou a chave de dentro de um vasinho de plantas em cima de uma bancada na sala. Com um pouco de dificuldade, ele abriu a porta. Devagar, ele analisou todas aquelas televisões, algumas com imagens de fora de sua casa e algumas de dentro. Câmeras de segurança. Mesmo que não parecesse, Matt era um menino muito inteligente, e lia muitos livros daquela casa. Num deles, dizia tudo sobre essas câmeras. Ele havia achado esse livro dentro de uma gaveta no quarto de seus pais, já que não tinha mais nada para ler.

Não demorou para ele encontrar a visão da câmera de seu quarto, logo pegando o celular e clicando no botão vermelho, que começou a gravar tudo que acontecia naqueles monitores.

De longe, ele conseguia ouvir os gritos de seus pais, batendo em seu irmão. Ele já deveria estar acostumado com esses sons, mas infelizmente não. Depois de bons minutos seus pequenos braços estavam começando a ficar cansados de segurar o dispositivo, e para sua sorte os pais estavam saindo de seu quarto. Rapidamente ele parou de gravar, saindo do quartinho e trancando a porta, enquanto ouvia os barulhos de passos descendo as escadas.

Para sua sorte, ele ainda era pequeno o bastante para se encaixar debaixo de um dos móveis na sala, fazendo que ele ficasse quase invisível. De repente sua pequena mente teve uma ideia. Ligando o celular, ele aproveitou e clicou no grande botão vermelho de novo.

Os passos ficavam cada vez mais altos, chegando mais perto de onde ele estava escondido. Não demorou para ver os sapatos de seus pais passarem em sua frente, dando um mini susto.

Seu coração o mandava sair correndo dali, direto para os braços de seu irmão, enquanto sua mente o mandava seguir os adultos. Ele esperou que seus pais não estivessem mais a vista, e saiu de seu esconderijo. Fez como seu irmão o ensinou quando eles brincavam de ninja. Desviando de todas as câmeras, e se escondendo em lugares estratégicos ele seguiu os adultos. Eles estavam no quartinho proibido. Para sua sorte, não tinham fechado a porta totalmente. Numa frestinha, ele colocou a câmera do celular e conseguiu gravar os pais apagando as imagens deles batendo em Nick. Num momento, sua mãe se

virou para abrir a porta, quase o percebendo. Essa foi sua deixa para seguir seu coração, correndo direto para seu irmão.

Lá, ele estava deitado no chão, esperando Matthew voltar. Quando Nick viu seu irmão chegando, ele rapidamente se levantou apesar de todas as dores que seu corpo sentia. Sem uma palavra, Matt entregou o celular, e ele começou a checar os vídeos. Com um sorriso, ele se virou para o irmão, e deu um abraço. Os dois ficaram lá por um tempo. Quando ele se soltou, foi para a janela e balançou os lençóis de sua cama em direção à casa dos vizinhos.

- Capítulo 21 -

Reportando

Nossa tensão só aumentava. Zak estava numa varanda que tínhamos no segundo andar, esperando para ver o sinal. Nós tínhamos combinado que se tudo desse certo, Nick deveria pegar alguma espécie de pano e sacudir em sua janela, e se ele não tivesse conseguido as provas, ele teria que jogar qualquer coisa que pudesse da janela.

Eu sabia que teria que contar alguma hora que eu voltaria para o Brasil, então resolvi terminar com isso o mais rápido possível. Não teria nada que nós pudéssemos fazer, de qualquer maneira.

— Zak? Darryl? Eu preciso falar com vocês. — Eu disse, olhando para Zak na varanda e Darryl no sofá, pensativo.

— O que foi? Tem algo de errado? — Zak disse virando sua cabeça para mim, enquanto Darryl parecia não prestar atenção.

— Eu... tenho más notícias. — Essa frase pareceu ganhar a atenção de Darryl, fazendo ele se movimentar no sofá para ficar de frente para mim.

— Pode falar, se agora for o melhor momento. — disse.

— Hoje minha mãe me ligou, e disse que meu avô ficou doente... — Dei uma pausa, para me acalmar. Não queria dei-

— xar eles me verem chorar numa hora dessas. — Parece ser bem sério, e ela quer que eu volte para o Brasil.

O lugar tinha ficado quieto. Zak parecia absolutamente chocado, enquanto Darryl me olhava com um olhar de tristeza. Eu ainda estava dando meu máximo para aguentar ficar com uma cara séria. Devagar, Darryl levantou e me abraçou. Eu aceitei o ato de carinho, abraçando de volta. Logo senti outro corpo me abraçando por trás, e uma mão alisando a minha cabeça. Mesmo não falando nada, eu já me sentia melhor. Num susto, eu senti Zak se soltar de mim, e falar animado, quase gritando:

— Gente! O sinal! Ele conseguiu!

Darryl correu para seu celular, discando o número da polícia e reportando o incidente.

Não demorou muito para começarmos a ouvir as sirenes, que cada vez chegavam mais perto. Quando eu já conseguia ver os carros lá embaixo, alguém bateu na porta.

Fui andando atrás de Zak, que ia investigar o que era.

— O senhor é Darryl Brooks? — Uma policial disse em frente a nossa porta.

— Não, é meu marido na verdade. Quer que eu vá chamá-lo? — Zak respondeu, eu não entendia direito o porque eles vieram na nossa casa primeiro, mas eu não ia discutir.

— Chomi, pode ir chamar o Darryl?

Acenei que sim com a cabeça, então eu saí correndo para buscar ele, que estava no segundo andar ainda.

— Darry? Tem uma policial querendo falar com você lá embaixo. — Eu o chamei. Rapidamente ele me seguiu.

Quando chegamos no primeiro andar, a expressão da policial mudou. Eu estava morrendo de medo de descobrir que Darryl era algum criminoso, ou alguma coisa assim. Quando olhei para ele, sua cara também parecia ter mudado. Nem um segundo depois, ele saiu correndo em direção a policial e a abraçou. Eu estava extremamente confusa, e não duvido que Zak estivesse com o mesmo sentimento pela sua expressão. Depois de um tempo, ele finalmente nos explicou o que estava acontecendo e quem era ela.

— Gente, essa é Alyssa, minha irmã mais velha!

Eu estava chocada. Realmente, é uma ótima hora de reencontrar seus familiares, principalmente nessa situação.

— Prazer em conhecer vocês! Quando me disseram que eu teria um trabalho aqui eu não pude perder a oportunidade. Mas o problema é que eu não vim só por visita. Eu preciso falar sobre o incidente também. O que vocês sabem sobre tudo isso? Têm provas?

Ela falou com a maior tranquilidade. Parecia que ela trabalhava como policial por um bom tempo já.

— Tem outros policiais investigando a casa reportada?
— Zak disse ignorando totalmente as perguntas dela, mas não posso mentir que estava me questionando a mesma coisa.

— Claro! É que um dos policiais tinha que vir aqui para saber o porquê as pessoas reportaram, etc. Então eu me voluntariei! — Eu ainda estava meio chocada de como ela estava tão tranquila numa situação dessas, até feliz. Eu achava que era só porque ela podia ver Darryl novamente.

E com isso ficamos conversando, contando sobre tudo que sabíamos. Surpreendentemente ela era uma pessoa muito tranquila e divertida, totalmente o contrário do que eu esperava de uma policial.

— Ok, foi muito bom ver vocês, mas agora eu tenho que ir. Vou mostrar tudo isso que vocês falaram para o meu chefe. Tchau! — E assim, ela foi andando pacificamente para longe.

- Capítulo 22 -

Escapando

Não fazia muito tempo que Nick havia mandado o sinal, e durante todo esse tempo ele tinha ficado parado, pensando em todas as possibilidades do que podia dar errado ou não. Eles estavam tão perto, mas ao mesmo tempo tão longe de tudo isso terminar. Depois que seus pais fossem presos, o que aconteceria? Eles não tinham nenhuma família nesse estado, e ainda por cima, seus avós eram quase piores que seus pais. Afinal, foram criados por eles.

Nick estava tão perdido em seus pensamentos que nem percebeu seu irmão puxando sua camiseta, tentando chamar sua atenção. Depois de ser quase derrubado, ele finalmente percebeu a pequena criança tentando lhe mostrar algo.

— O que foi Matt? Você parece assustado...

Sem dizer nada, Matthew pegou sua mão e começou a puxar ele para uma janela, apontando para os carros policiais.

— O que tá acontecendo..? — Matt perguntou, claramente assustado com todo o barulho e movimentação do lugar. Um sorriso aparecia no rosto de Nick, o plano havia funcionado. Antes que pudesse responder, sua mãe havia aparecido na porta, com uma cara furiosa.

Ela se aproximava cada vez mais, com passos firmes no chão, encurralando os dois meninos. Rapidamente ela pegou Matthew, o imobilizando e apontando uma faca em seu pescoço.

— Ou você faz o que eu mandar, ou Matt vai sofrer as consequências. Entendido?

Raiva e angústia eram claras em seus olhos, e Nick estava paralizado. Ele não tinha nenhuma opção porque, tentar gritar não funcionaria. Seu irmão era sempre sua prioridade. Não sabia nada sobre lutar, e tentar desarmar ela também não funcionaria. Ele estava encurralado. Devagar, ele acenou com a cabeça, e seguiu sua mãe até um quarto que nem eles sabiam que existia, e antes de os prender, ela amarrou cordas em seus punhos e panos em suas bocas, os impedindo de fazer sons. A última coisa que Nick viu antes da porta fechar, era um leve sorriso que sua mãe tinha em seu rosto.

Já havia se passado alguns minutos que eles estavam ali, seu irmão se apoiando nele, como um abraço, e Nick tentava murmurar uma música para acalmar o menino. Não era justo para ele ter que passar por tudo isso com meros 6 anos, quando tudo que ele deveria estar fazendo era brincar fora de casa com amigos. Enquanto cantava, ele analisava o lugar para tentar achar alguma saída. Por sorte, não muito alto havia uma janela, bem estreita, mas que Matt passaria certinho.

Não era surpresa para Nick que um de seus pais tivessem feito isso com eles, ele já tinha tido um sonho assim uma vez. Desde então, ele sempre andou com algo afiado consigo. Com um som alto, ele conseguiu chamar a atenção de seu irmão, e

com muita dificuldade apontou para ele alcançar algo em seu bolso. Assim que Matt tirou a tal coisa de seu bolso, sua cara mudou. Pânico tinha mudado para esperança. Com cuidado, ele colocou o canivete na mão de Nick, que mostrou que ia cortar as cordas que o seguravam.

Depois de pouco tempo, Matt sentiu a liberdade de conseguir mover seus braços, e rapidamente tirou o pano de sua boca. A primeira coisa que tinha pensado era em gritar, mas para sua sorte Nick já tinha pensado que ele ia fazer isso, então fez outro som que chamou sua atenção, e Matt tirou o pano de sua boca também.

— Matthew, eu preciso que você me ouça bem. Não, grite. Nossos pais vão ouvir antes dos policiais, e isso pode causar muito problema para a gente, ok? Eu preciso que você me liberte. Eu tenho um plano. — Nick sussurrou, e seu irmão só acenou com a cabeça. Não demorou para que ele estivesse livre também.

— Ok, o plano é simples. Tá vendo aquela janela? Eu preciso que você suba nela. Ela deve te levar para o telhado. Lá em cima, você grita ok? Chama atenção dos policiais e fala que eu tô preso. Mas não chega perto da beira do telhado. Espera lá em cima que eu vou voltar pra te buscar.

— Tem certeza disso?

— É tudo que temos agora, mas eu tenho certeza que você vai conseguir. — Nicholas confirmou sua ideia, com um sorriso que não mostrava nada além de certeza. Com isso, Matt concordou com o plano, e subiu nos ombros do irmão.

Matthew tinha conseguido passar pela janela, dando direto numa parte do telhado. Com muito cuidado ele subiu até o topo, e pegando toda a coragem que tinha começou a gritar:

— SOCORRO! ELA NOS PRENDEU! MEU IRMÃO TÁ PRESO LÁ DENTRO! AJUDEM ELE! — Junto com os gritos, ele deixava todos os sentimentos que havia sentido naquele dia escaparem, o fazendo chorar em meio às frases.

Todo aquele barulho chamou a atenção dos policiais, de toda a vizinhança na verdade.

Nick conseguia ouvir mais de dois passos na casa, que chegavam cada vez mais perto de onde ele estava. Adrenalina bateu forte em suas veias, movendo para seus pulmões e eventualmente sua garganta. — SOCORRO! ELES ME PRENDERAM! ME TIREM DAQUI! SOCORRO!

Os passos passaram do som de andando para correndo, e logo sua porta estava sendo arrombada. Rapidamente Nick se moveu para o canto da sala, caso a porta caísse. A última coisa que ele queria naquele momento era uma portada na cabeça.

A porta caiu no chão como esperado, e três policiais estavam parados do outro lado. Um deles, uma mulher, o ajudou a levantar.

— Não precisa de preocupar mais, Nicholas. Meu nome é Alyssa, e eu vou te proteger dessas pessoas. — Ela disse com um sorriso no rosto, um muito reconfortante, na verdade.

— Meu irmão ainda tá no telhado! Vocês vão conseguir tirar ele de lá? — A preocupação tinha lhe atingido, quando se lembrou que havia prometido que ia buscar Matt.

— Ele já desceu de lá, não se preocupe.

Na sala, ele conseguiu ver os olhos de seus pais nele. Estavam claramente bravos, furiosos ainda. Também cheios de tristeza, como se eles realmente fossem sentir sua falta. Isso o deixou confuso, mas resolveu levar esse sentimento para longe. Finalmente ele conseguiu ver a luz do dia, significando que já haviam lhe tirado de dentro daquele terrível lugar, de uma vez por todas.

- Capítulo 23 -

Recomeçando

Fora de sua casa havia aproximadamente três carros policiais, uma ambulância, e algumas pessoas curiosas que passavam por lá. Não demorou para que seus olhos caíssem em seu irmão, e rapidamente ele se soltou da policial, e saiu correndo em direção a ele. Matthew fez o mesmo, e os dois ficaram se abraçando. Era raro, mas Nicholas deixou que seus sentimentos o invadissem e sentiu lágrimas escorrendo pela sua cara.

— Matt! Matt! Você foi ótimo! Eu sabia que você conseguiria! Nunca mais vamos precisar passar por isso de novo! Obrigado... — Foi tudo que ele conseguiu dizer entre soluços. Faz anos que ele não chorava assim. Matthew não disse nada, só ficou se agarrando nele, como se ele fosse sumir se o soltasse.

Não muito depois, ele ouviu mais passos vindo. Olhando pro lado, ele deu de cara com Chomi, Darryl e Zak correndo em sua direção. Seu sorriso cresceu e correu em direção a eles também. Chomi estava mais na frente, correndo de braços abertos, com lágrimas em sua cara. A situação fez seu coração esquentar, num sentimento que ele só havia sentido há muitos anos:

Amor.

Ver todas essas pessoas que realmente se importavam com ele, que fizeram tudo ao seu alcance para o fazer feliz, era incrível. Ele só se sentiu amado uma vez, e foi quando ele

ganhou um único abraço verdadeiro de sua mãe quando era pequeno.

Em questão de segundos ele sentiu uma força imensa o atacar, quase o derrubando no chão. Chomi estava apertando o máximo que conseguia, enfiando sua cara em seu peito, molhando toda a sua camisa. Com uma leve risada, ele colocou sua cabeça em seu pescoço, e deixou seu coração tomar as decisões de novo. Sussurrando, o bastante para que só ela ouvisse, ele pronunciou essas palavras:

— Eu te amo.

Depois de uns segundos, ele ouviu o mesmo som que era enfraquecido pelo pano de sua camiseta:

— Eu também te amo.

Depois de muitas perguntas dos policiais, eles chegaram ao final do dia. Seu irmão estava dormindo em seus braços, e ele estava rodeado por vários policiais. Eventualmente, Alyssa falou:

— Finalmente eles vão ser mandados para a corte. O único problema é que se nós tivéssemos só mais um pouquinho de prova eles poderiam ir para a cadeia agorinha.

Com essa frase uma ideia pulou em sua cabeça.

— Perafá... Eu tenho mais uma prova! — E com isso ele alcançou o celular no bolso de Matthew, e mostrou o vídeo para os policiais. O sorriso no rosto de Alyssa só crescia, significando que era prisão na hora.

— Bom, mas a pergunta mais importante é: você tem família nesse estado?

— Não. Eu tenho meus avós, mas eles ficam do outro lado do país, e são quase piores do que meus pais.

— E alguém que confia? Vocês têm?

— Na verdade, eu sei a família perfeita. — Ele disse apontando para Darryl, Zak e Chomi.

— Não esperava nada de diferente. Eles são boas pessoas. Aliás, Darryl é meu irmão!

— Sério? Como você não me contou isso antes?

E assim a conversa foi rolando, e Nick tinha ficado amigo de Alyssa.

- Capítulo 24 -

Uma nova vida

Já se fazia quase um ano desde que Chomi havia voltado para o Brasil, e tudo corria normalmente. Nicholas estava mais do que feliz de ser adotado por Darryl e Zak, assim ele ainda ficaria na mesma escola e teria os mesmos amigos. Mesmo que no começo ele não tivesse muita intimidade com o casal, ele com certeza preferiria ficar com pessoas que confiava, gostava e ainda por cima entendiam o que ele sofreu do que qualquer família aleatória.

Uma semana antes das férias acabarem, Nick estava deitado no sofá, relaxando. Bateram na porta, e Darryl foi atender. De repente, ele ouviu uma voz familiar, que gritava:

— ADIVINHA QUEM VEIO FAZER O ÚLTIMO ANO NOS ESTADOS UNIDOS!?!?!? VOCÊS VÃO TER QUE ME AGUENTAR DE NOVO!!! HAHHAHAHA!!!

Um sorriso apareceu em seu rosto.

Chomi.

The end :)